

ENTREVISTA COM LILIAN FERRARI¹

INTERVIEW WITH LILIAN FERRARI

Lilian Vieira Ferrari²

Flávia Medeiros Álvaro Machado³

Veridiane Pinto Ribeiro⁴

Paulo Henrique Duque⁵

RESUMO

Esta entrevista aborda a trajetória acadêmica da Profa. Lilian Ferrari, detalhando as principais etapas envolvidas nesse percurso até o contato inicial com a Linguística Cognitiva e a opção por concentrar suas pesquisas nessa área. Mais especificamente, considerando-se as vertentes teóricas que constituem o campo, apontam-se publicações relevantes associadas à Teoria dos Espaços Mentais (Fauconnier, 1994, 1997; Fauconnier; Turner, 2002) e à Gramática Cognitiva (Langacker, 1987, 1991), bem como a publicação do livro “Introdução à Linguística Cognitiva” (Ferrari, 2011). Detalham-se, ainda, pesquisas e publicações mais recentes relacionadas à multimodalidade, enfocando-se, principalmente, as relações entre metáfora e gestos (Cienki; Müller, 2008). Por fim, o diálogo entre a Linguística Cognitiva e áreas afins (Psicologia, Filosofia, Ciências da Computação, etc.) é abordado, bem como as possíveis contribuições da área em relação ao ensino de língua materna e estrangeira, tradução, interpretação, Língua de Sinais Brasileira (Libras) e questões sociais relacionadas ao preconceito linguístico.

ABSTRACT

This interview discusses the academic journey of Professor Lilian Ferrari, detailing the main stages of this path up to her initial contact with Cognitive Linguistics and her decision to focus her research in this área. More specifically, considering the theoretical strands that make up the field, relevant publications associated with Mental Spaces Theory (Fauconnier, 1994, 1997; Fauconnier; Turner, 2002) and Cognitive Grammar (Langacker, 1987, 1991) are highlighted, as well as the publication of the book ‘*Introdução à Linguística Cognitiva*’ (Ferrari, 2011). The interview also details more recent research and publications related to multimodality, focusing mainly on the relationship between metaphor and gestures (Cienki; Müller, 2008). Finally, the dialogue between Cognitive Linguistics and related fields (Psychology, Philosophy, Computer Science, etc.) is discussed, as well as possible contributions of the field to the teaching of first and foreign languages, translation, interpretation, Brazilian Sign Language (Libras), and social issues related to linguistic prejudice.

¹ A entrevista foi planejada e conduzida pelos organizadores do dossiê da Revista Linguística.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), lilianferrari@uol.com.br, <https://orcid.org/0000-0001-7808-4425>.

³ Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), fmachado.ufes@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-7838-1227>.

⁴ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC), veridiane.ribeiro@ifsc.edu.br, <https://orcid.org/0000-0003-3981-3909>.

⁵ Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), duqueph@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-7100-0556>.

REVISTA LINGUÍSTICA: Como foi seu caminho acadêmico até chegar à Linguística Cognitiva?

LILIAN FERRARI: Minha trajetória acadêmica teve início com a graduação em Psicologia, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ao finalizar a Graduação, decidi fazer Mestrado e, em seguida, Doutorado, na área de Linguística, também na UFRJ. Na dissertação de Mestrado, desenvolvi a pesquisa no âmbito do Funcionalismo e, no Doutorado, optei pela Sociolinguística, que eram as vertentes que estavam mais de acordo com meus interesses naquele momento. A chegada à Linguística Cognitiva coincidiu com o início de minha atuação como docente no Departamento de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), quando tomei conhecimento de publicações fundadoras da área e percebi que aquela proposta teórica conjugava meus interesses nas áreas de linguagem e cognição.

REVISTA LINGUÍSTICA: O que despertou seu interesse por essa área específica?

LILIAN FERRARI: Como mencionei anteriormente, minha graduação foi em Psicologia. No curso, tive contato com várias áreas afins que despertaram meu interesse, como a Filosofia, a Antropologia e, especialmente, a Psicolinguística, tendo tomado conhecimento do célebre questionamento de Noam Chomsky às ideias do psicólogo behaviorista B. F. Skinner sobre aquisição de linguagem. Enquanto esse último ressaltava o papel da imitação na aquisição da linguagem, de acordo com o modelo behaviorista estímulo-resposta, Chomsky se opunha a essas ideias, a partir do argumento de que a criança produz sequências nunca ouvidas antes e comete ‘erros inteligentes’ (por exemplo, “eu sabo”, “eu fazi”, etc.), em que verbos irregulares acabam sendo conjugados de acordo com o padrão dos verbos regulares terminados em -er (por exemplo, “eu como”, “eu bebi”, etc.).

Ao perceber que tinha particular interesse em questões relacionadas à linguagem, decidi fazer Mestrado na área de Linguística, também na UFRJ. Como, na época, a Linguística Cognitiva ainda não havia se configurado oficialmente como uma vertente teórica, minha dissertação adotou a perspectiva funcionalista, que era a que mais se aproximava de meus interesses naquele momento. Enfoquei a interferência da fala na escrita, observando a repetição na produção de textos. Entretanto, curiosamente, já tinha interesse em aspectos cognitivos relacionados a esse objeto de estudo, de modo que o título da dissertação foi “Aspectos cognitivos da interferência da fala na escrita: a repetição na produção de textos”. No doutorado, que teve início na *University of Southern California (USC)*, mas foi finalizado na UFRJ, voltei-me para a área de Sociolinguística, e desenvolvi a tese “Variação linguística e redes sociais no Morro dos Caboclos, RJ”. A tese enfocou a comunidade relativamente isolada do Morro dos Caboclos, situada no Maciço da Pedra Branca/Campo Grande, na cidade do Rio de Janeiro. Analisei, principalmente, a variação fonológica na fala dos moradores da área, relacionando-as a graus de coesão das redes sociais desses indivíduos, classificados a partir da avaliação de maior convivência com os demais moradores da região (alto grau de coesão da rede) ou com moradores de outras regiões (graus menores de coesão). Embora as variáveis analisadas fossem fonológicas, acabei incluindo uma

variável morfossintática que não havia sido prevista inicialmente: a variação da preposição “em” com a forma “ni”; por exemplo, “Vou lá *ni* Ana”; “Ele foi *ni* médico”, etc. O interessante é que, anos mais tarde, percebi que esse era um fenômeno que seria melhor analisado no âmbito da Linguística Cognitiva, e voltei a analisar o fenômeno, tendo publicado um artigo, na Revista da Anpoll (1997), destacando que o uso de “ni” está relacionado a um processo figurativo; em especial, sinaliza um processo cognitivo de base metonímica (no caso, PESSOA POR LOCAL).

Essa publicação foi possível porque, em 1995, passei a lecionar no Departamento de Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), onde teve início o meu contato efetivo com a Linguística Cognitiva, por intermédio da Profa. Margarida Salomão, que acabava de voltar de um PhD nos Estados Unidos, orientada por Charles Fillmore. A professora propôs a criação do grupo de pesquisas “Gramática e Cognição”, na UFJF, do qual participavam também professoras da UFRJ e Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Com vistas a desenvolver pesquisas na área, passamos a ler os principais textos fundadores da Linguística Cognitiva, como “*Metaphors we live by*”, de George Lakoff e Mark Johnson (1980), “*Foundations of Cognitive Grammar*”, de Ronald Langacker (1987, 1991), e também os livros que embasam a Teoria dos Espaços Mentais, de Gilles Fauconnier, *Mental Spaces* (1994) e *Mappings in Thought and Language* (1997).

Em 2000, retornei, já como docente, para a UFRJ e, em 2003, fundei o “Laboratório de Pesquisas em Linguística Cognitiva” (LINC/UFRJ), no âmbito do Programa de Pós-graduação em Linguística. A partir de 2013, o LINC/UFRJ passou a ser coliderado pelo Prof. Diogo Pinheiro, que fez o doutorado sob minha orientação e passou a ser também docente do Departamento de Linguística e Filologia/UFRJ e membro do Programa de Pós-Graduação em Linguística/UFRJ.

REVISTA LINGÜÍSTICA: Quais foram seus principais desafios e aprendizados ao longo da carreira?

LILIAN FERRARI: Os principais desafios foram relacionados ao fato de que, quando decidi me dedicar à Linguística Cognitiva, a área era ainda incipiente no Brasil. Nesse sentido, passei a participar de congressos internacionais organizados pela *International Cognitive Linguistics Association* (ICLA) e pela *UK Cognitive Linguistics Association* (UK-CLA). Nesses congressos, apresentava e discutia as pesquisas que estava desenvolvendo, e também tinha acesso a uma série de pesquisas que eram desenvolvidas na área em várias partes do mundo.

A participação nesses congressos permitiu, ainda, que eu tivesse contato com vários fundadores da área, como Ronald Langacker, Eve Sweetser, George Lakoff, Gilles Fauconnier, Mark Turner; a partir daí, foi possível manter intercâmbios acadêmicos com muitos deles. Em especial, Eve Sweetser foi minha supervisora de pós-doutorado, na *University of California, Berkeley*, Ronald Langacker participou como palestrante de congresso organizado pelo LINC/UFRJ. Mais recentemente, em função de nosso interesse em relação ao estudo de recursos multimodais que acompanham a fala (gestos, expressões faciais, etc.), perspectiva que vem ganhando força em Linguística Cognitiva,

passamos a integrar o *Distributed Red Hen Laboratory*, laboratório que reúne dados videogravados de várias línguas, sediado na biblioteca da *University of California, Los Angeles*, coordenado por Francis Steen e Mark Turner. Desenvolvemos, então, o *Red Hen, Brazil*, em parceria com Maíra Avelar (Universidade Estadual do Sudoeste Da Bahia - UESB), Gustavo Guedes (CEFET/RJ) e, mais recentemente, Tiago Torrent, da Universidade Federal de Juiz de Fora, onde está sediado o laboratório.

REVISTA LINGUÍSTICA: Para o público leigo, como a senhora explicaria o que é a Linguística Cognitiva?

LILIAN FERRARI: A Linguística Cognitiva, como o próprio termo sugere, é uma área voltada para o estudo dos aspectos cognitivos que atuam na produção e compreensão das línguas humanas. Em especial, a área busca descrever e explicar as relações entre as estruturas linguísticas (palavras, expressões, sentenças, etc.) e processos mentais que atuam na construção do significado a partir dessas estruturas. Nesse sentido, foi necessário desenvolver uma Semântica Cognitiva, com base no célebre aforismo cunhado por um importante teórico da área, Gilles Fauconnier: “a linguagem visível é a ponta do iceberg da construção invisível do significado”. Para ilustrar esse ponto, podemos observar a expressão “lápis vermelho”. Embora tendamos a pensar que o significado da expressão é simples e direto, bastando unir os significados de “lápis” e “vermelho”, na verdade, a expressão é apenas uma pista (ou, se quisermos, “a ponta do iceberg”) para uma série de significados que podem ser construídos em contexto: “um lápis que produz uma escrita em vermelho”, “um lápis cuja parte externa é vermelha”, “um lápis que é usado pelo time cujo uniforme é vermelho”, e assim por diante.

REVISTA LINGUÍSTICA: Quais são as diferenças fundamentais entre a Linguística Cognitiva e outras abordagens, como a linguística formal ou estruturalista?

LILIAN FERRARI: Como aponto no primeiro capítulo do livro “Introdução à Linguística Cognitiva”, o termo escolhido para a área bem poderia ter sido escolhido para a Gramática Gerativa. Na verdade, o teórico que estabeleceu uma ruptura com o estruturalismo e propôs uma linguística formal como a GG, Noam Chomsky, foi o responsável pela guinada cognitivista em Linguística, tendo afirmado, inclusive, que seu interesse pelo estudo da linguagem derivava, na verdade, do fato de que “a linguagem é um espelho da mente”. O que diferencia a Linguística Cognitiva da Gramática Gerativa, então, não é a abordagem cognitiva propriamente dita, mas a hipótese que se estabelece em relação à cognição. Como detalhado no livro *The linguistic wars; Chomsky, Lakoff and the battle over deep structure* (“Guerras Linguísticas; Chomsky, Lakoff e a batalha sobre estrutura profunda”), de Randy Harris (1993), os principais proponentes da Linguística Cognitiva eram alunos de Chomsky, e tinham atuação expressiva na Gramática Gerativa. Esse era o caso de George Lakoff, por exemplo, cujos debates com Chomsky em função de questionamentos à Gramática Gerativa tornaram-se célebres. A principal discordância era, justamente, o fato de que para a Gramática Gerativa, a cognição

é modular, de modo que a linguagem é um módulo cognitivo, diferente de outros módulos cognitivos (ex. raciocínio matemático, percepção, etc.), com regras e princípios próprios e diferentes das regras e princípios de funcionamento dos outros módulos. Da mesma forma, no âmbito da linguagem, os módulos sintáticos, morfológico, semântico, etc. atuam com base em regras e princípios próprios, sendo que a sintaxe tem primazia. Desse modo, não é possível fornecer uma explicação semântica para um fenômeno sintático. George Lakoff questionou essa assunção, demonstrando que havia casos em que era necessário recorrer à semântica para explicar a sintaxe. Para exemplificar, podemos considerar o sintagma nominal “uma xícara de chá”. Já que todo sintagma nominal deve ter como núcleo um nome, qual seria o núcleo nesse caso: “xícara” ou “chá”? Com base em casos como esse, Lakoff argumenta, então, que não é possível determinar o núcleo sem considerar aspectos semânticos, já que se o contexto for “Eu quebrei uma xícara de chá”, “xícara” é o núcleo, na medida em que o que se quebra é a “xícara” (“de chá” apenas caracteriza o tipo de xícara); já em “Eu bebi uma xícara de chá”, obviamente, o núcleo precisa ser aquilo que se bebe, no caso, o “chá” (“xícara de” constitui uma indicação metonímica da quantidade de chá que foi bebida).

REVISTA LINGÜÍSTICA: Como a linguagem revela aspectos do funcionamento da mente humana, segundo essa perspectiva?

LILIAN FERRARI: Com base em questionamentos semelhantes aos apresentados na resposta anterior, a Linguística Cognitiva começou a ser criada, tendo como um de seus objetivos principais, como já mencionei, descrever e explicar a linguagem, a partir de processos mentais envolvidos em uma concepção não-modular da cognição. Nesse sentido, a LC constitui um “arquipélago teórico”, como apontou Geeraerts (2006), em que diferentes vertentes teóricas abordam diferentes aspectos das relações entre linguagem e cognição, tomando por base a não-modularidade.

REVISTA LINGÜÍSTICA: Quais são as principais linhas de pesquisa em Linguística Cognitiva atualmente no Brasil e no mundo?

LILIAN FERRARI: Para lidar com a complexidade das questões levantadas, a área desenvolveu uma série de vertentes inter-relacionadas capazes de lidar com aspectos sintáticos e semântico-pragmáticos das estruturas linguísticas. Entre essas vertentes, é possível destacar a Teoria da Metáfora Conceptual, proposta por George Lakoff e Mark Johnson, a partir do livro *Metaphors we live by*, publicado em 1980, que representou uma guinada na abordagem da metáfora como processo de pensamento. No que se refere às relações entre construções gramaticais e estruturas conceptuais, as principais vertentes são a Gramática Cognitiva, proposta por Ronald Langacker (1987, 1991) e a Gramática de Construções Cognitiva, que tem em Adèle Goldberg um dos seus principais expoentes (1995, 2006); por fim, a Teoria dos Espaços Mentais, proposta por Gilles Fauconnier (1994, 1997), destaca que espaços mentais são criados à medida que o discurso se desenvolve, a partir de construtores de espaços mentais (*space builders*) – elementos linguísticos que ativam espaços

geográficos, temporais, condicionais, contrafactuais, etc. A teoria foi aprofundada a partir da parceria de Fauconnier com Mark Turner (2002), que permitiu que o processo de mesclagem, já descrito anteriormente por Fauconnier, fosse detalhado. Mais recentemente, o estudo da multimodalidade vem ganhando força na área, a partir de estudos que relacionam linguagem verbal e recursos multimodais (gestos, expressões faciais, etc.). Em especial, as pesquisas que relacionam metáfora e gesto trouxeram evidências adicionais sobre a natureza cognitiva da metáfora, como destacado no livro *Metaphor and gesture*, de Alan Cienki e Cornelia Müller (2008).

REVISTA LINGÜÍSTICA: Quais trabalhos ou pesquisas suas a senhora destacaria como mais relevantes ou transformadores?

LILIAN FERRARI: O trabalho que tem maior impacto nacionalmente é o livro “Introdução à Linguística Cognitiva”, publicado pela Editora Contexto, em 2011. O livro busca traçar um panorama da área, destacando as vertentes básicas que a compõem. Mais recentemente, vale destacar, ainda, o capítulo Linguística Cognitiva, publicado no livro “A linguística hoje; múltiplos domínios” (Othero & Flores, Ed. Contexto, 2023). Quanto a pesquisas específicas, minhas publicações enfocam, principalmente, os seguintes tópicos: (i) análises de construções gramaticais do português brasileiro, em especial construções condicionais; (ii) análise de construções gramaticais com base em relações entre *frames* e *ponto de vista*; (iii) análise de fenômenos relacionados à metáfora e/ou mesclagem conceptual; (iv) investigação de elementos dêiticos (principalmente, dêiticos pessoais e locativos); (v) associação de fenômenos de subjetividade/ intersubjetividade e ponto de vista à linguagem verbal e/ou multimodal.

Com relação aos trabalhos publicados sobre esses temas e suas inter-relações, destaco as seguintes publicações:

- *Acrobacias cognitivas: ponto de vista e subjetividade em redes condicionais* – o trabalho relaciona as noções de ponto de vista e subjetividade a diferentes construções condicionais que apresentam estrutura semântica FUTURO-FUTURO no português brasileiro. Capítulo publicado no livro *A cognição na linguagem*, organizado por Heronides Moura e Rosângela Gabriel (Florianópolis: Insular, 2012).

- *Events of motion and talmyan typology: verb-framed and satellite-framed patterns in portuguese* – O trabalho enfoca construções que indicam movimento na área fronteiriça entre a terra e o mar, questionando a assumpção de que a língua portuguesa é uma língua exclusivamente *verb-framed* (ex. costear, margear, etc.), com base no argumento de que o Português Europeu está mudando em direção à uma língua *satellite-framing* (ex. *seguir pela costa*, *caminhar pela margem*, etc.) - Artigo publicado em parceria com Hanna Batoréo, da Universidade Nova de Lisboa no periódico internacional *Cognitive Semantics* (2016).

- *Entre alinhavos e alfinetes: a metáfora de corte-e-costura na comunicação verbal* – o trabalho destaca a metáfora de corte-e-costura (exs. alinhar um acordo, tecer um comentário, etc.), que ainda não havia sido descrita para o português brasileiro. Capítulo publicado no livro *Linguagem-cognição-cultura: teorias, aplicações e diálogos com foco na língua portuguesa*, organizado por Hanna Batoréo (Centro de Letras da Universidade Nova de Lisboa, 2022).

- *Subjectivity and upwards projection in mental space structure* – o trabalho, em parceria com Eve Sweetser (University of California, Berkeley) argumenta que construções gramaticais semanticamente semelhantes podem apresentar diferentes graus de subjetividade com base nas noções de Rede de Espaços Comunicativos Básicos e Ponto de Vista. Capítulo publicado no livro *Viewpoint in language: a multimodal perspective*, organizado por Barbara Dancygier e Eve Sweetser (Cambridge University Press, 2012).

- *Prototypical and metaphorical uses for locative deixis in Brazilian Portuguese and American English: a verbo-gestural data analyses* – o trabalho, em parceria com Maíra Avelar e Vera Pacheco, relaciona usos prototípicos e metafóricos de dêiticos locativos na fala e nos gestos. Publicado no livro *Metaphorical conceptualizations; (inter)cultural perspectives*, organizado por Ulrike Schröder, Milene Oliveira, Adriana Tenuta (Walter de Gruyter, 2022).

REVISTA LINGÜÍSTICA: Como a professora vê o diálogo entre a Linguística Cognitiva e áreas como Psicologia, Filosofia, Ciências da Computação e/ou outras áreas?

LILIAN FERRARI: O diálogo com a Psicologia e a Filosofia faz parte do próprio surgimento da Linguística Cognitiva. O conceito de categoria radial, que fundamenta a Semântica Cognitiva, deriva de pesquisas experimentais realizadas no âmbito da Psicologia Experimental por Eleanor Rosch e colaboradores, que também se alinham aos estudos antropológicos de Berlin e Kay sobre os termos utilizados para cores em diferentes línguas, e apontam a existência de cores focais e não-focais. Essas pesquisas, por sua vez, dialogam com a proposta do filósofo Wittgenstein, que se opôs à visão clássica de categorização, em termos de “tudo ou nada”, e propôs que as categorias se organizam em termos de semelhanças familiares. No âmbito das Ciências da Computação, também, há uma estreita parceria desde o estabelecimento da Linguística Cognitiva, na medida em que Charles Fillmore criou o Projeto *Framenet*, com o objetivo de desenvolver uma lexicografia computacional com base na Semântica de *Frames*.

REVISTA LINGÜÍSTICA: Que contribuições a Linguística Cognitiva oferece para o ensino de línguas (materna ou estrangeira)?

LILIAN FERRARI: Com certeza, a Linguística Cognitiva pode contribuir de muitas formas para o ensino de línguas. Embora não tenha sido esse o foco principal da minha pesquisa, é possível destacar um aspecto que costumo abordar em minhas aulas sobre o conceito de *Frame* (Fillmore, 1977, 1982, 1985), proposto por Charles Fillmore, que constitui um dos pilares da Semântica Cognitiva.

Ao relacionar o significado das palavras a *frames*, caracterizados como conjuntos de conhecimento armazenados na memória de longo prazo e culturalmente compartilhados, a Linguística Cognitiva pode auxiliar na descrição e explicação das diferentes inter-relações entre estrutura linguística e significado evidenciadas em diferentes línguas, ou mesmo entre variedades de uma mesma língua. Para dar um exemplo, gostaria de citar uma pesquisa que realizei em parceria com a Profa Hanna Batoréo, da Universidade Aberta de Lisboa, sobre a expressão “ao fundo”. Ocorre que, em determinados contextos, a expressão ativa significados diferentes no Português Europeu e no Português Brasileiro, o que pode levar a problemas de comunicação entre falantes das duas variedades. Em artigo publicado sobre o tema (Batoréo & Ferrari, 2015), apontamos que a expressão “ao fundo” abre um *frame* de trajetória em um espaço tridimensional, sinalizando o ponto final dessa trajetória. No caso de uma trajetória vertical, ambas as variedades fazem um uso não-dêitico da expressão, indicando o ponto final dessa trajetória (Ex. “O barco acaba de chegar ao fundo”); entretanto, é quando se trata de trajetória horizontal, as variedades diferem. Enquanto o Português Brasileiro continua fazendo um uso não-dêitico da expressão, indicando o ponto final de uma trajetória horizontal, o Português Europeu usa a expressão para indicar movimento fictivo do olhar do falante, indicando o local mais longe que sua “visão mental” pode alcançar, a partir de seu ponto de vista. Trata-se, portanto, de um uso dêitico da expressão e, em muitas situações comunicativas, ao ouvir algo como “Para chegar ao museu, caminhe por essa rua e, ao fundo, vire à direita”, um brasileiro tenderá a caminhar até encontrar o “ponto final” da rua; entretanto, a sentença, no Português Europeu, é uma indicação para virar à direita no local em que o olhar do falante consegue alcançar, a partir de sua localização naquele momento.

Em suma, uma das possíveis contribuições da Linguística Cognitiva ao ensino de línguas é a disponibilização de embasamento teórico para que se possa descrever e explicar a existência de expressões aparentemente sinônimas que apresentam diferenças semântico-pragmáticas significativas em uma mesma variedade linguística (ex. gosto e sabor no Português Brasileiro, Ferrari, 2021), em uma mesma língua (ex. as preposições “em” e “ni” em variedades distintas do Português Brasileiro, Ferrari, 1997) ou em línguas distintas (ex. *vegetables*, em Inglês, e *legumes/verduras* em Português).

REVISTA LINGÜÍSTICA: Como essa área pode ajudar na compreensão e no enfrentamento de desafios sociais, como preconceito linguístico ou inclusão?

LILIAN FERRARI: As situações mencionadas na resposta à pergunta anterior estão diretamente relacionadas a um dos postulados básicos da Linguística. O estudo das mais variadas línguas do mundo, demonstrou que todas as línguas (e todas as variedades linguísticas existentes) são bem formadas, lógicas e governadas por regras. Sendo assim, o que faz uma variedade ter maior prestígio e, possivelmente ser representada na escrita, tem relação estreita com aspectos socioculturais, e não linguísticos. Há, inclusive, casos em que variantes de menor prestígio podem ter aspectos linguisticamente mais complexos do que a própria variante de prestígio. Para citar um exemplo,

a variação entre as preposições “em” e “ni”, mencionada anteriormente, ilustra claramente essa situação. Enquanto “em” é uma preposição locativa utilizada no Português Padrão, variedades rurais do Português Brasileiro estabelecem duas variantes para os contextos de uso dessa preposição: as variantes “em” e “ni”. Essa variação é motivada pelo fato de que os locais indicados pela preposição podem ser localizações concretas ou localizações abstratas (figurativas). Por exemplo, na variedade padrão, pode-se dizer que “Maria foi na casa da Ana” ou que “Maria foi na Ana”, em que “na” é uma contração da preposição “em” com o artigo definido “a”. A variedade rural, por sua vez, utiliza variáveis distintas nesses contextos: “Maria vai na casa da Ana”, indicando um lugar (isto é, “casa”), mas “Maria vai *ni* Ana”. O uso de “ni”, nesse caso, visa a sinalizar um processo figurativo e, mais especificamente, uma metonímia (PESSOA POR LOCAL). Portanto, sob esse aspecto, a variedade rural apresenta um detalhamento semântico-pragmático maior com relação a essa preposição locativa do que a variedade padrão. Esse caso se torna ainda mais interessante na medida em que se observa variação semelhante no Francês Padrão; as traduções das sentenças anteriores são, respectivamente “*Marie vais à la maison d’Anne*” e “*Marie vais chez Anne*”. É possível, portanto, traçar um paralelo entre “em” e “a”, para locativos concretos, e “ni” e “*chez*”, para locativos metonímicos, na variedade rural do Português Brasileiro e no Francês Padrão.

Em suma, a variação existente na variedade padrão de uma língua pode ser estigmatizada em outra por ser uma variação que ocorre em uma variedade não prestigiada. Fica muito claro, portanto, que a motivação para a estigmatização deriva de preconceito em relação ao grupo social em que a variação ocorre e não de nenhuma “deficiência” de caráter linguístico.

REVISTA LINGÜÍSTICA: Existe espaço para colaboração com áreas como tradução, interpretação ou Libras?

LILIAN FERRARI: Com certeza. Pelos motivos elencados nas respostas às perguntas anteriores, o fato de que a Linguística Cognitiva fornece um arsenal teórico elaborado para o tratamento das relações entre sintaxe, semântica e pragmática abre muitas possibilidades de colaboração com todas essas áreas. Em especial, os estudos mais recentes sobre gestos no âmbito da Linguística Cognitiva têm levantado questões importantes sobre o papel da metáfora como fenômeno cognitivo, demonstrando relações entre metáforas e gestos tanto em línguas orais, como fazem Alan Cienki e Cornelia Müller, no livro *Metaphor and Gesture* (2008), como também em Línguas de Sinais, como apontado por Barbara Dancygier e Eve Sweetser (2014), no livro *Figurative Language*.

REVISTA LINGÜÍSTICA: Como a professora enxerga a formação atual de linguistas no Brasil?

LILIAN FERRARI: No que se refere à pesquisa propriamente dita, acredito que os Programas de Pós-graduação devem incentivar os alunos a valorizarem uma formação consistente em todas as linhas de pesquisa existentes na área, e não apenas na linha a ser adotada em suas dissertações e/ou teses. Como apontado por Saussure, “é o ponto de vista que cria o objeto”. Sendo assim, no caso da

Linguística, todas as vertentes teóricas constituem pontos de vista distintos de delimitação do objeto de estudo. Nesse sentido, quanto mais abrangente for a formação do linguista, maior a consistência de sua escolha por uma determinada vertente. Obviamente, a partir dessa escolha, a pesquisa deve apresentar coerência em relação ao ponto de vista escolhido. E com pesquisas coerentes e consistentes em cada uma das vertentes, o fortalecimento da área é inevitável.

REVISTA LINGUÍSTICA: Que conselho daria para estudantes que querem seguir carreira em Linguística Cognitiva?

LILIAN FERRARI: O conselho inicial é o estudo dos textos fundadores que compõem a área. Inicialmente, os textos de Charles Fillmore que estabelecem a noção de *frame*, os artigos de Eleanor Rosch e colaboradores sobre categorização e a proposta inovadora sobre metáfora como processo cognitivo, apresentada no livro *Metaphors we live by* de George Lakoff e Mark Johnson (1980). Para tomar conhecimento das diferentes vertentes inter-relacionadas existentes na área, sugiro os dois volumes do livro *Foundations of Cognitive Grammar*, de Ronald Langacker (1987, 1991), que estabelecem as bases da “Gramática Cognitiva”, a proposta de Adèle Goldberg no âmbito da “Gramática de Construções Cognitiva” - *Construcions: a construction grammar approach to argument structure* (1995) e *Constructions at work: the nature of generalization in language* (2006). Por fim, os livros de Gilles Fauconnier que propõem a “Teoria dos Espaços Mentais” - *Mental Spaces* (1994) e *Mappings in thought and language* (1997) - e, no já âmbito dessa teoria, o detalhamento do processo de mesclagem conceptual que tem, como marco inicial, o livro *Mappings in thought and language: the mind's hidden complexities*, de Gilles Fauconnier e Mark Turner (2002).

REVISTA LINGUÍSTICA: Qual é o papel da divulgação científica para aproximar a linguística do público geral?

LILIAN FERRARI: A divulgação científica é sempre bem-vinda e deve ser cada vez mais praticada pelos professores e pesquisadores da área. Em especial, a Linguística pode ter um papel importante no combate ao preconceito linguístico, cujo principal motivo é o desconhecimento de que a análise de um grande número de línguas praticada na área demonstrou, claramente, que todas as línguas (e variedades linguísticas) são bem-formadas, lógicas e governadas por regras. Sendo assim, a motivação para que uma determinada variedade seja escolhida como padrão (e, eventualmente, representada na escrita) tem raízes históricas e socioculturais, mas não estritamente linguísticas. Como não se trata de uma área efetivamente conhecida pelo público em geral, a divulgação tem papel realmente importante.

Para exemplificar, gostaria de mencionar uma iniciativa do Departamento de Linguística da UFRJ, do qual faço parte, que foi a criação do *blog* de divulgação científica “Nós da Linguística”. No *blog*, publicam-se, mensalmente, trabalhos de autoria de pesquisadores (professores e estudantes de pós-graduação), que tratam dos mais diversos temas investigados na área. Em especial,

organizou-se um *e-book*, reunindo uma seleção de 21 trabalhos publicados no período 2020-2022. (https://lefufrj.wordpress.com/wp-content/uploads/2023/12/1702995734270_ebook_nos-linguistica.pdf)

REVISTA LINGÜÍSTICA: Quais são, na sua visão, os maiores desafios e as maiores oportunidades para a Linguística Cognitiva nos próximos anos?

LILIAN FERRARI: Como já apontei, uma perspectiva relativamente recente que vem ganhando força na área é o reconhecimento do caráter multimodal da comunicação humana. Esse reconhecimento da existência de uma articulação entre comunicação verbal e não-verbal (gestos, expressões faciais, postura corporal, etc.), a meu ver, estabelece tanto desafios quanto oportunidades, na medida em que contribui para a expansão do escopo daquilo que conta como dado para a análise em Linguística Cognitiva. Em linhas gerais, uma importante questão é levantada: afinal, o que conta como língua? Esse questionamento leva ao reconhecimento de que o conjunto de expressões que formam um evento de uso é muito amplo, e inclui desde os detalhes fonéticos da fala até outros tipos de sinais, como gestos e linguagem corporal. Como apontado por Langacker (2008), o reconhecimento da multimodalidade permite o estabelecimento de uma nova abordagem teórica não mais puramente linguística, com um escopo semiótico mais amplo, trazendo tantos desafios como oportunidades de aprofundamento do campo.

REVISTA LINGÜÍSTICA: Como a tecnologia (IA) pode impactar os estudos nessa área?

LILIAN FERRARI: A área tem um relacionamento com a Inteligência Artificial desde o início, na medida em que o Projeto *Framenet* foi criado por Charles Fillmore em 1997, com sede no Instituto Internacional de Ciências da Computação, da Universidade da Califórnia, Berkeley. Fillmore criou o projeto com base na teoria do significado que desenvolveu, a *Semântica de Frames*. O objetivo foi estabelecer um projeto de lexicografia computacional capaz de extrair informações sobre as propriedades sintáticas e semânticas inter-relacionadas de uma ampla gama de palavras do Inglês. Em 2008, foi criado o *Framenet*, Brasil, atualmente sob a coordenação de Tiago Torrent, da Universidade Federal de Juiz de Fora, com o objetivo de desenvolver a contraparte linguística do FrameNet para o português brasileiro.

REVISTA LINGÜÍSTICA: O que ainda gostaria de descobrir ou compreender sobre a relação entre linguagem e cognição?

LILIAN FERRARI: A área é fascinante e o que se pode compreender sobre a relação entre linguagem e cognição parece inesgotável. Nesse sentido, não é possível delimitar um aspecto específico a ser compreendido, mas o caminho inicial parece ser dar continuidade à ampliação do escopo da Linguística Cognitiva em direção à multimodalidade. Além disso, fica claro que a vocação da área, desde seu início, de dialogar com áreas afins, como a Filosofia, a Psicologia, a Antropologia e a Inteligência Artificial, entre outras, é fundamental e pode ser sempre ampliada e aprofundada

para uma melhor descrição e explicação das características específicas da cognição humana, que tem na linguagem e estratégias comunicativas associadas uma âncora material inestimável para a compreensão do percurso histórico-cultural dos seres humanos.

REVISTA LINGUÍSTICA: Existe algum autor ou autora que tenha marcado especialmente sua trajetória?

LILIAN FERRARI: Em primeiro lugar, a Profa. Eve Sweetser, da Universidade da Califórnia/Berkeley, é uma importante pesquisadora, desde os momentos iniciais da Linguística Cognitiva, que teve papel especialmente marcante na minha trajetória. Nos conhecemos no final dos anos 90, em um congresso para o qual ela foi convidada aqui no Brasil. Nesse primeiro contato, percebemos que, coincidentemente, ambas investigavam construções condicionais em suas respectivas línguas e passamos a conversar sobre o tema. Em 2006, fui para Berkeley fazer o pós-doutorado sob sua supervisão, com um projeto sobre condicionais no Português Brasileiro. Além disso, a partir de 2001, passei a participar dos congressos internacionais da área, organizados pela *International Cognitive Linguistics Association* (ICLA) a cada dois anos, onde pude interagir com vários dos principais pesquisadores da área: Ronald Langacker, Gilles Fauconnier, Mark Turner, Barbara Dancygier, George Lakoff, entre outros. Nesses congressos, tive oportunidade não apenas de tomar conhecimento de detalhamentos das propostas teóricas desses autores, como também de trocar ideias sobre minha própria pesquisa em andamento.

REVISTA LINGUÍSTICA: Se pudesse mudar algo no cenário acadêmico brasileiro, o que seria?

LILIAN FERRARI: A principal mudança é um investimento maior nas universidades públicas, não apenas no momento atual, mas a criação de um projeto consistente e constante ao longo do tempo, com vistas a solucionar problemas estruturais, como também promover a melhoria contínua de ensino, pesquisa e extensão.

Referências

AVELAR, Maíra; FERRARI, Lilian; PACHECO, Vera. Prototypical and metaphorical uses for locative deixis in Brazilian Portuguese and American English: a verbo-gestural data analyses. In: SCHRÖDER, Ulriche; OLIVEIRA, Milene; TENUTA, Adriana (org.). *Metaphorical conceptualizations: (Inter)cultural perspectives*. Berlin/Boston: Walter de Gruyter, 2022. pp. 223-249.

BATORÉO, Hanna; FERRARI, Lilian. «Quão fundo é o fundo?»; perspectivação no caso das expressões com ‘ao fundo’ em português europeu e português do Brasil. *Estudos Linguísticos* (Lisboa), v. 10, pp. 145-154, 2015.

BATORÉO, Hanna; FERRARI, Lilian. Events of motion and Talmyan typology: verb-framed and satellite-framed patterns in Portuguese. *Cognitive Semantics*, v. 2, pp. 59-79, 2016.

- CHOMSKY, Noam. A Review of B. F. Skinner's *Verbal Behavior*. *Language*, v. 35, n. 1, pp. 26-58, 1959.
- CIENKI, Alan; MÜLLER, Cornelia. *Metaphor and Gesture*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2008.
- DANCYGIER, Barbara.; SWEETSER, Eve. *Figurative language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.
- FAUCONNIER, Gilles. *Mental Spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- FAUCONNIER, Gilles. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. *The way we think: the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.
- FERRARI, Lilian. *Aspectos cognitivos da interferência da fala na escrita: a repetição na produção de textos*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1985.
- FERRARI, Lilian. *Variação linguística e redes sociais no Morro dos Caboclos, RJ*. 1994. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1994.
- FERRARI, Lilian. Variação e cognição: o caso das preposições locativas *em* e *ni* no português do Brasil. *Revista da ANPOLL*, São Paulo, pp. 121-133, 1997.
- FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.
- FERRARI, Lilian. Acrobacias cognitivas: ponto de vista e subjetividade em redes condicionais. In: MOURA, Heronides; GABRIEL, Rosângela. (org.), *A cognição na linguagem*. Florianópolis: Insular, 2012. pp. 43-62.
- FERRARI, Lilian; SWEETSER, Eve. Viewpoint and upwards projection in mental space structure. In: DANCYGIER, Barbara; SWEETSER, Eve (ed.), *Viewpoint in language: A multimodal perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. pp. 47-48.
- FERRARI, Lilian. Ponto de vista e (inter)subjetividade: *frames* alternativos em “gosto” e “sabor”. In: CAVALCANTE, Sandra; GABRIEL, Rosângela; MOURA, Heronides (org.), *Linguagem, cognição e cultura: estudos em interface*. Campinas: Mercado de Letras, pp. 157-178, 2021.
- FERRARI, Lilian. Entre alinhavos e alfinetes: a metáfora de corte-e-costura na comunicação verbal. In: BATORÉO, Hanna (org.), *Linguagem-cognição-cultura: teorias, aplicações e diálogos com foco na língua portuguesa*, Centro de Letras da Universidade Nova de Lisboa, 2022.
- FERRARI, Lilian. Linguística Cognitiva. In: OTHERO, Gabriel; FLORES, Valdir (org.), *A linguística hoje: múltiplos domínios*. São Paulo: Contexto, 2023. pp. 75-82.
- FILLMORE, Charles. Scenes-and-frame semantics. In: ZAMPOLLI, Antonio (ed.), *Linguistic structures processing*. Amsterdam: North Holland, 1977, pp. 55-81.
- FILLMORE, Charles. Frame semantics. In: *Linguistic Society of Korea* (ed.), *Linguistics in the morning calm*. Hanshin: Seoul, 1982, pp. 111-138.
- FILLMORE, Charles. Frames and the semantics of understanding, *Quaderni di Semantica*, v. 6, pp. 222-254, 1985.

GEERAERTS, Dirk. *Cognitive Linguistics: Basic readings*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006.

GOLDBERG, Adèle. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adèle. *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HARRIS, Randy. *The linguistic wars: Chomsky, Lakoff and the battle over deep structure*. Oxford: Oxford University Press, 1993.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, Ronald. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. v. 1. Stanford, CA: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, Ronald. *Foundations of cognitive grammar: descriptive applications*. v. 2, Stanford CA: Stanford University Press, 1991.

LANGACKER, Ronald. *Cognitive Grammar: A basic introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

SKINNER, Frederic. *Verbal behavior*. New York: Appleton-Century-Crofts. 1957.